



Fig. 2: Fotografia do interior do Cemitério de São Sebastião.

Aspetos Históricos

O início da sua construção iniciou-se em 1835 tendo terminado por volta de 1838.

As últimas sepulturas no antigo cemitério de Alverca foram feitas há já cerca de 30 anos, por volta de 1981. Conforme prevêem as regras, embora desativado, o cemitério do centro da cidade alverquense não foi mexido durante 25 anos.

O cemitério de São Sebastião, também designado por “velho cemitério” de Alverca, encontra-se em fase de degradação.

Não morreu, mas o estado de decomposição é avançado: campas que passaram a ser simples buracos no chão; caminhos que passaram a ser o covil das ervas daninhas, grafitis que se vão acumulando paredes acima, imagens sacras e pedras mármore completamente partidas.

A situação choca algumas pessoas que por ali passam ou que ali vão visitar as campas de familiares e amigos falecidos.

O velho cemitério de Alverca foi literalmente “deixado ao Deus dará” e é reputado por vários Alverquenses com pena por ver o centro da cidade com um espaço em tão grande decadência.

Aspetos Geológicos

Nas escadas à entrada do Cemitério de S. Sebastião podemos encontrar fósseis de turrítelas que são Moluscos da classe dos gastrópodes que se distribuiu pelos mares Mediterrâneo e do Norte, pelo oceano Atlântico e pelo canal da Mancha, do Cretácico (145-65 M.a) à atualidade. Estes gastrópodes, bentónicos, pouco profundos (infralitoral), de

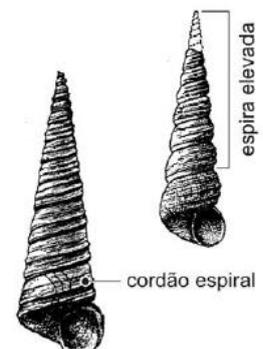
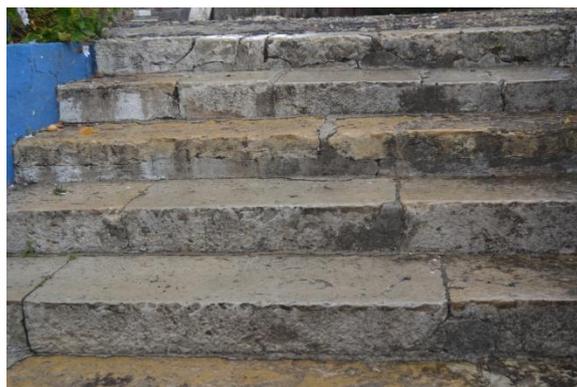


Fig.3: Turrítelas.

substrato móvel, possuem concha enrolada com forma de cone alongado que podem ter um tamanho até 15 cm, turriculada. Estes organismos, filtradores viviam em ambientes marinhos com salinidade normal e temperatura variável.



Fig.4: Fóssil de um Turritellas na escadaria do cemitério.



Na maioria dos jazigos do cemitério podem observar-se interessantes conchas de rudistas radiolitídeos em cortes variados. Os fósseis destes bivalves, normalmente de grande tamanho, com 15 a 25 cm de dimensão máxima, são bastante evidentes, devido ao aspeto espesso e maciço da parede das suas conchas e ao facto de apresentarem cor esbranquiçada que se destaca bem no fundo da rocha calcária rosada a avermelhada.

A rocha ornamental a que estes fósseis estão associados é um calcário fossilífero de idade cretácica conhecida por liós. Esta rocha ornamental, muito utilizada em Lisboa e arredores, pode ser proveniente de pedreiras localizadas na região a Norte de Lisboa, em Sintra, nomeadamente na Terragem e em Pêro Pinheiro.

Os rudistas são um grupo extinto de bivalves que existiu desde o Jurássico superior até ao final do Cretácico da Era Mesozóica (durante cerca de 90 milhões de anos).

Os rudistas tinham formas diferentes de bivalves atuais (ameijoas, ostras), pois viviam de modo distinto deles. Habitavam em ambientes marinhos pouco profundos, com águas quentes, tropicais, normalmente semienterrados no fundo lodoso, formado por vasa carbonatada. Os rudistas eram - frequentemente - gregários, ou seja, formavam grandes aglomerados de rudistas, ocupando áreas extensas dos fundos marinhos pouco profundos.

Os rudistas radiolitídeos possuíam uma valva inferior cônica, mais ou menos alongada, consoante os casos e uma valva superior aplanada, em forma de "tampa".

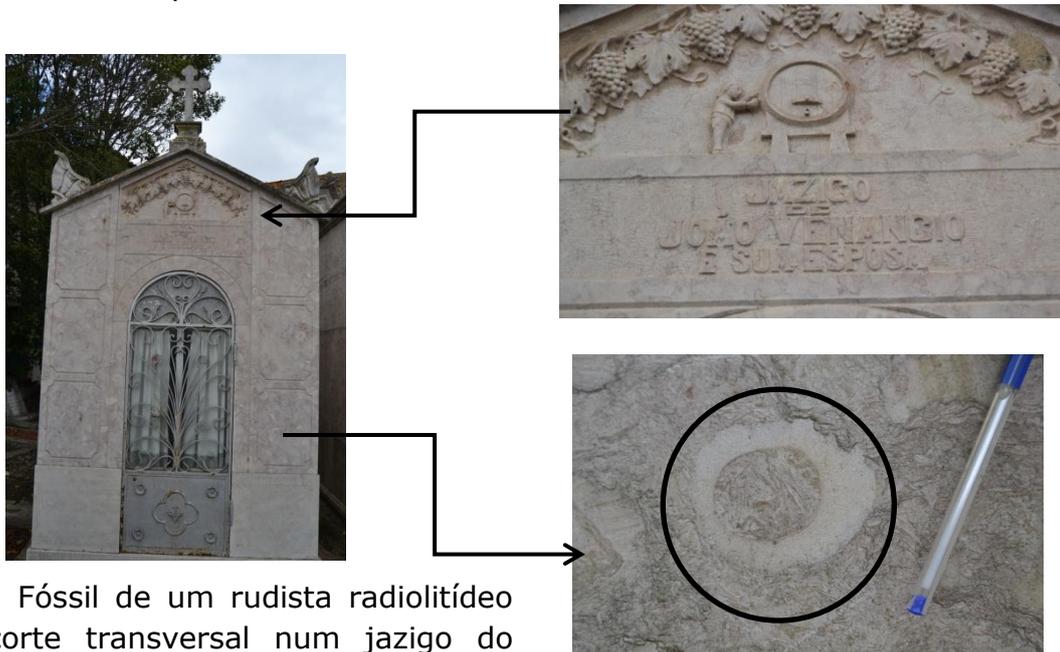


Fig.5: Fóssil de um rudista radiolitídeo em corte transversal num jazigo do cemitério.



Fig.6: Fóssil de um rudista radiolitídeo em corte transversal num jazigo do cemitério.

Nas fotografias acima, são bem visíveis fósseis de rudistas radiolitídeos que se encontram maioritariamente num corte transversal, sendo estes destacados das partes laterais dos jazigos identificados.

Conteúdo Litológico:

No cemitério é possível observar uma predominância de duas rochas, o mármore e o calcário, sendo nesta última que se encontram os fósseis identificados anteriormente.

Mármore

O mármore é uma rocha metamórfica originada de calcário exposto a altas temperaturas e pressão. Por este motivo os maiores jazigos de mármore são encontradas em regiões de rocha matriz calcária e actividade vulcânica.

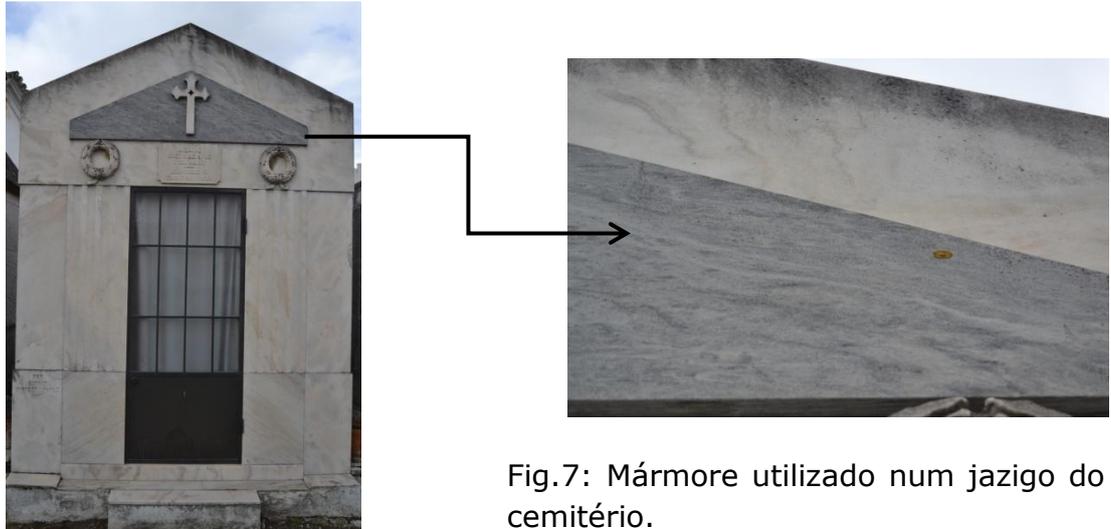


Fig.7: Mármore utilizado num jazigo do cemitério.

O mármore é uma rocha explorada para uso em Construção civil. Neste caso é utilizado na construção de jazigos como mostram as imagens acima. Comercialmente são classificados como mármores, todas as rochas carbonáticas capazes de receber polimento. Possuem uma variedade de cores e texturas, estruturas que as tornam bastante rentáveis na indústria de rochas ornamentais.

Em Portugal, as maiores explorações de mármore localizam-se em torno da zona de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, de onde é extraído o chamado Mármore de Estremoz.

Esta cidade de Portugal, Estremoz, é conhecida internacionalmente pelos seus jazigos de mármore branco, o chamado Mármore de Estremoz. A exploração do mármore de Estremoz tem uma origem muito antiga, como comprova o Templo romano de Évora, que contém mármore originário desta zona. Está também presente no altar-mor da Catedral de Évora.

Calcário

O calcário que se encontra no Cemitério, tem um aspecto esbranquiçado e creme, e é nesta rocha que se encontram os fósseis já referidos. Esta rocha é proveniente de Lameiras e Sintra, tendo sido

formado num ambiente recifal de águas quentes pouco profundas, pertencendo ao cretácico superior (-90 M.a.).

Foi muito utilizada no país como rocha ornamental e para a construção de elementos estruturais, como padieiras e ombreiras.

Bibliografia

“Alverca da terra às gentes”

Organização: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Museu Municipal/
Núcleo de Alverca

Autores: Anabela Ferreira, outros.

Guião Paleomemorial do Convento feito por: Mário Cachão, Carlos Marques da Silva & Maria de Jesus Ribeiro

Sites:

- ✓ <http://semanal.omirante.pt/index.asp?idEdicao=349&id=45443&idSeccao=5126&Action=noticia>
- ✓ <http://paleoviva.fc.ul.pt/almafossil/index/rcapleit.htm>
- ✓ <https://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT>